

## Quem é você?

Carnaval e Psicanálise

Paulo Costa Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, PC. Quem é você? Carnaval e Psicanálise. In: *Música popular e adjacências...* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, pp. 71-74. ISBN 978-85-232-1202-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# Quem é você?

## Carnaval e Psicanálise

*“Ser uma coisa é não ser susceptível de interpretação.”*

Fernando Pessoa

1.

Colocando Descartes no meio da Timbalada, ou melhor, da Mudança do Garcia, no dia certo, ouviríamos uma variante nada ortodoxa da célebre máxima. Ele nos diria: rebolo, logo existo. O rebolado é condição do sujeito, significa literalmente girar sobre si próprio. Re-bola, bola duas vezes: jogo de cintura, se quiserem.

*A Mudança do Garcia é uma das manifestações mais díspares e legítimas do Carnaval da Bahia. Sempre na 2ª feira de carnaval, alguns milhares de pessoas saem pelas ruas acompanhando carroças com muita folhagem, gente fantasiada, batucadas refinadas, e um tom geral de anarquia e protesto. Vale tudo!*

2.

O sujeito é um movimento e o desejo do Carnaval é o desejo de aceleração desse movimento, uma aceleração que caminha contra a ordem das coisas, que invoca uma espécie de mergulho na dissolução. Há, portanto, uma espécie de revolta no carnaval, uma recusa a ficar quieto, instalado e satisfeito, mas é uma revolta pela alegria. O

Carnaval é uma sede, o que dá todo o sentido ao sucesso da canção de Brown, *Água Mineral*. O que a música pergunta é justamente isso: Tá com sede? Mas essa sede é outra, é uma outra sede.

3.

O saudoso arquiteto e fotógrafo Silvio Robatto, contava que um belo dia, tendo saído para fotografar coisas do Carnaval, no Centro Histórico de Salvador, foi surpreendido por uma chuva repentina e forte, dessas que acontecem por aqui. Chateado com a interrupção do serviço, entrou numa igreja para esperar a chuva passar. Qual não foi sua surpresa: o rebolado estava todo lá dentro da igreja, nas alegorias de anjos e santos feitos pelos escravos. A espiral do barroco e o êxtase do batuque podem caminhar juntos na Bahia. O barroco rebola, concluiu ele – e organizou uma contundente exposição fotográfica sobre o tema (Cf. *O barroco no rebolado*).

4.

Se o rebolado for encarado como uma forma de conhecimento – epistemologia do rebolado, do “aval da carne” –, então queremos saber que espécie de conhecimento é esse, o que é que se conhece no rebolado. Por outro lado, se admitimos o rebolado na categoria de conhecimento, então vamos dar uma certa dor de cabeça à epistemologia strictu sensu. Como é que o estudo das possibilidades de conhecimento se flexionaria a tal ponto: rebolado da epistemologia?

5.

Esse mergulho do Carnaval, que se aproxima da dissolução, é algo mesmo que está na base do desejo pelo Carnaval, e que também está na base das relações sociais construídas aqui no Brasil. Que não haja uma referência paterna simbólica, forte, entre nós, é um desejo

com o qual convivemos em contextos os mais diversos possíveis, do trânsito ao serviço público.

*Explico melhor: numa terra de gentes diversas, onde pelo menos três grandes referências simbólicas tiveram que conviver a cotoveladas e chicotadas – europeia, africana e indígena – parece faltar a cada uma, isoladamente, a força de unificação – Cf. Melman. Conviver numa sociedade um tanto “desorganizada”, embora seja cansativo e meio absurdo, reflete um certo equilíbrio de forças, permite entrever novas acomodações...; o caso é que tanto o impulso de transformação, quanto as forças de repressão, aprenderam a agir nesse ambiente.*

6.

O Carnaval atende largamente a esse desejo de dissolução, coloca sua chave simbólica na mão do rei Momo, uma autoridade que existe para subverter a ordem. Por outro lado, nesse mesmo impulso para destronar a autoridade e os laços constituídos, pode-se perceber um apelo não menos familiar na direção contrária: que haja referência simbólica dominante, que haja alguém forte o suficiente para colocar um limite nas coisas, para tomar as decisões por todos – mesmo que tendenciosamente.

O Carnaval alimentaria os dois impulsos simultaneamente: diversidade simbólica (que aponta para diversidade política) e controle autoritário. Nesse sentido, se enlaçaria com uma série de elementos da noção de baianidade?

7.

O fortalecimento e a potencialização das manifestações do Carnaval negro, em Salvador, coloca em movimento o próprio real, redimensionando o peso de uma das nossas referências simbólicas a partir da força de diversos coletivos, e abre espaço para sair do mero

vai-e-vem desse tradicional carretel entre ordem estável e desordem momentânea.

PS1: Há muitos outros carnavais, inclusive o pós-moderno, isso aí é só um cordãozinho; texto escrito em 1996, antes do advento de muitas coisas, inclusive das celebridades.